

verem estudado este fenômeno, constatarão, talvez, que houve uma intervenção.

Há inúmeras seitas, na Califórnia, que se dizem em contacto com o Protetor, mas devemos desconfiar da Califórnia, pois ali a demência mais caracterizada coexiste com a renovação religiosa e mística mais sincera.

O que é notável, de qualquer maneira, é que durante sessenta séculos de atividade o Protetor jamais fundou uma religião. Parece que este não é o seu objetivo, e que procura muito mais intervir nos momentos precisos da história da humanidade — talvez tenha conhecimento antecipado destes momentos — do que assegurar a salvação da humanidade através da religião. Todo o problema do declínio das religiões e da ascensão de outra coisa é importante demais e muito complexo demais para que possa tratá-lo aqui. É indiscutível que as religiões reveladas estão “perdendo velocidade”. Elas tentam se manter fazendo política, e é pouco provável que isto as salve. Outra coisa virá: talvez as novas religiões como o bahaísmo ou Subud, talvez uma religião baseada nos contactos com os extraterrestres ou, na falta destes contactos, numa atitude diferente com relação ao cosmos (Olaf Stapledon poderia ser considerado como o primeiro profeta de uma tal religião cuja Bíblia seria seu livro *Créateur d'Étoiles*) ou talvez algo totalmente diferente sobre o qual, no momento, não fazemos a menor idéia.

O que gostaria de ressaltar é que toda a futurologia baseada unicamente em predições relativas à produção de aço e ao produto nacional bruto deve forçosamente falhar pois não se dá conta do vazio deixado pelas religiões. (A respeito dos efeitos deste vazio sobre a juventude americana não seria demais recomendar o recente livro de John Searle, *La Guerre des*

*Campus*, publicado pelas Presses Universitaires de France).

Mas, voltemos ao Protetor.

Seu poder é evidentemente limitado, ou então não quer fazer um uso integral dele. Na verdade, é certo que se todos os problemas da humanidade pudessem sempre ser resolvidos por uma intervenção sobrenatural, isto não seria bom para a humanidade, que jamais alcançaria a idade adulta. O que não impede que a humanidade precise de tais intervenções.

Um exemplo impressionante é a primeira guerra mundial.

Enquanto os alemães usavam cintos gravados com *Gott mit uns* (Deus está conosco), os ingleses convenceram-se facilmente de que os anjos de Deus combatiam ao seu lado e de que tinham abatido alguns soldados alemães, em Mons, com flechas fantasmas. Durante a segunda guerra mundial, lendas deste tipo multiplicaram-se. Uma delas, muito curiosa, invocando ao mesmo tempo o Protetor e a Cabala, é oriunda de Safed, aldeia dos cabalistas em Israel.

Parece que em 1941, quando se esperava uma invasão do Oriente Próximo pelos nazistas, o Protetor apareceu em Safed e revelou que o futuro estava indeciso porque o valor cabalístico das palavras “Síria” e “U.R.S.S.” era o mesmo.

Contudo, o Protetor declarou: “Intervirei para que seja a U.R.S.S. e não a Síria a ser atacada.”

É uma bela lenda, bem dentro do estilo das lendas judaicas da Idade Média.

Gostaríamos que Chagall a ilustrasse num vitral. Poderia representar uma balança perfeitamente equilibrada com a Síria num dos pratos e a U.R.S.S. no outro...